

Sahe cada Sabbado
ao meio dia

ASSIGNATURAS

No Brazil:
Anno 10\$000
Semestre 5\$000
Trimestre 3\$000

Exterior:
15\$000 por anno.

Numero avulso 300 rs.

Pagamento adiantado.

End. tel.: Progresso

PROGRESSO

Noticioso e Litterario

EXPEDIENTE

Annuncios pequenos, até
10 linhas quadrpartidas de
typo mudo *petit*, por cada
publicação 18000
Annuncios maiores, a li-
nha quadrpartida de *petit*
ou seu lugar 100 rs.
com 20% de abatimento no
caso da repetição.

Publicações particu-
lares na secção *Tribu-
na livre* pagam 40 rs.
por palavra.

Pagamento adiantado.

End. tel.: Progresso

EXPEDIENTE

As cartas registradas e os vales
devem ser dirigidos ao gerente snr.
Alexandre Smokowski.

Pode-se igualmente entregar qual-
quer importancia aos nossos agentes,
nos seguintes logares:

F orianopolis—Miguel Kaminski.
rua Padre Roma.
S. José—Francisco V. da Rosa.
Palhoça—José Lupercio Lopes.
Tubarão—Henrique Eulse.
Lages—Major Vidal Ramos Junior.
Brusque—Carlos Riester.
Camboriú—Herminio Vieira.
Luiz Alves—Luiz Bompani.
Ilhota—Roberto Lessa.

O JURY

III.

Tratamos já sobre a instituição
do jury sob o ponto de vista huma-
no e juridico em geral. Resta-nos
ainda apreciar-o em relação a nosso
paiz e a nosso meio social e politico.

Antes de tudo é preciso salientar
o descuido quasi total na repressão
e punição de certos delictos, que, não
sendo classificados de crimes, são
entretanto a origem, a occasião pro-
xima, a semente de crimes gravissi-
mos. As brigas casuaes ou provoca-
das, o andar ás vezes com um ar-
senal inteiro de armas, as ameaças
verbaes e por escripto, os insultos e
calumnias em particular e em publi-
co, diversos factos de abuso e op-
ressão, praticados por motivos de
odio e vingança, o emprego das ar-
mas de tiro e de corte, com ou sem
derramamento de sangue, etc.—tudo
isso acontecendo um sem numero de
vezes, quasi nunca reprimido, eis a
escola dos assassinatos a sementeira
dos crimes.

Desde que a sociedade se acos-
tumou a olhar com indifferença para
aquillo que directa ou indirectamente
conduz ao crime, já o crime mesmo
causa pouco horror, a excepção de ser
acompanhado de egoismo e crueldade
extraordinarias. Isso quanto aos
crimes contra a vida e a integridade
de corporal do cidadão.

Quanto á justiça, as cousas se
acham, se fôr possível, em peor es-
tado ainda. Dividas leviamente con-
traídas a torto e a direito, banca-
rotas fingidas e publicamente cohe-
cidas como taes, enormes e conti-
nuos desfalques em diversas repar-
tições publicas, um escandaloso es-
banjamento de dinheiro tirado do
povo mediante impostos vexatorios,
abusos de toda sorte por occasião de
construção de estradas, subvenção
de ferro-vias e companhias de va-
pores, tudo isso ficando quasi impu-
ne e sem serem os culpados seria-

mente responsabilizados, eis a gran-
de sementeira de crimes contra a
justiça, de roubos, estellionatos etc.

Tratando do jury, não podemos
mais detidamente entrar nas razões
da impunidade deveras estranha, em
tantos casos provocadores de uma
indignação geral.

A nossa justiça está civada de
um tal formalismo e custa tanto n'um
caso de insulto, ameaça, calúnia,
até de emprego de armas e mais
ainda nos casos concernentes aos
bens materiaes, que quasi todos pre-
ferem soffrer qualquer damno, do
que recorrer aos tribunaes, D'outro
lado a impunidade do crime causa a
frequencia do mesmo, a pouca sus-
ceptibilidade a respeito d'elle—abaix-
a assim o nivel moral da nação e
das bancadas do jury.

Eis a primeira causa da decadencia
tão palpavel e por conseguinte
a quasi nenhuma confiança para com
uma instituição por si justa e nobre.

Outra, não menos funesta, é o
desbragado partidario, que, pos-
tergando os mais comezinhos princi-
pios da justiça e até da conveniencia,
com todas as artimanhas ao seu
alcance, procura viciar os veredic-
tuns do jury. Precisa-se d'uma ex-
cepçãoal independencia e nobreza de
character da parte do juiz presidente
e do respectivo promotor, para que
seja condemnado e punido um bom
correligionario do partido dominante,
isso nos casos onde a culpabilidade
do réo é evidente. A influencia des-
moralisadora de nosso meio politico
nas bancadas do jury é tão geral-
mente conhecida e tanto deprime o
valor moral desta instituição, que só
algum simplorio e papalvo seria ca-
paz de pôr duvida a respeito.

Em nosso paiz, assim como em
todos os outros onde o jury funciona,
os cidadãos os mais preparados e ha-
beis para tal função conseguem
escapar d'um cargo por sua nature-
za bastante penoso. Acresce a cir-
cunstancia propria de nossa legisla-
ção, da exclusão dos jurados quer
por parte da defesa, quer pela accu-
sação, n'uma escala tão larga, que
essa medida por si é sufficiente para
transformar o jury n'um tribunal *ad
usum delphini*

Sobre modo prejudicial é a pou-
ca importancia que se liga ás influen-
cias extranhas, tendentes a suggerir
ao jury certas opiniões, suspeitas,
duvidas, primando a nossa imprensa
n'esse respeito com umas imposições
totalment: deslocadas. Muito peor e
as vezes até criminosa é a ingeren-
cia dos particulares, parentes, ami-
gos e outros protectores do accusado.
Em diversos casos os membros da
bancada são realmente sitiados e

assaltados de modo a tornar-se quasi
impossivel o livre exercicio do nobre
cargo que occupam. O mais triste
e deveras inexcusavel é praticar-se
isso quasi abertamente, quasi em
segredo publico.

E' superfluo lembrar os casos em
que sendo inuteis os pedidos, é pelas
promessas de toda sorte, dinheiro ou
afinal por ameaças, que procura-se
obrigar o jury a um veredictum
favoravel.

Estamos certos que, com o que
foi exposto, não esgotamos ainda a
longa serie dos males que como um
veneno roedor tiraram á instituição
do jury toda a auctoridade e confi-
ança popular.

Contudo é facil concluir, que
apenas pode-se seriamente pensar
n'uma reforma do jury em nosso
paiz. Antes é preciso acabar com
a pratica tão perniciososa de coniven-
cias, protecções e facilitações, é pre-
ciso acabar com o partidario
e politicagem. E' preciso acabar com
a impunidade em milhares de casos
onde as nossas leis, aliás bastante
severas, quasi nunca são executa-
das. Porem tornando-se quasi impos-
sivel uma reforma radical de tantos
abusos que profundamente viciaram o
nosso meio social, tambem uma re-
forma puramente formal e juridica
d'essa instituição ficaria sempre como
um esforço baldado.

O jury, assim como todas as
instituições democraticas, presuppõe
em cada cidadão, alem de certa in-
telligencia, tambem virtudes civicas
sufficientes para garantir a indepen-
dencia da opinião e interesse pelo
bem publico. Desde que essa condi-
ção não se realize, é impossivel de
vêr no jury outra cousa, do que
uma deslocada imitação das institui-
ções que absolutamente não servem
para nosso meio social. N'esse res-
peito estamos de pleno accordo com
a opinião de todos os juizes profissio-
naes, uma opinião sem duvida
auctorizada e todos os dias confir-
mada pelas tristes experiencias que
se estão fazendo com as bancadas do
nosso jury.

Se em todos os paizes reclama-
se uma reforma das disposições que
regem essa instituição, em o nosso
o que podia-se com toda razão re-
clamar, seria a total abolição d'um tri-
bunal, que, em lugar de desenvolver
os sentimentos da justiça dentro do
povo, pelo contrario exerce em gran-
de parte uma influencia desmoraliza-
dora.

Do que innegavelmente precisa-
mos, é a plena liberdade de nossos
juizes profissioaes, livres de toda e
qualquer influencia alheia aos interes-
ses da justiça, é a verdadeira e absolu-

ta independencia do poder judiciario
assim como o estabeleceu a consti-
tuição federal. Realizando-se uma
vez esse desideratum, a abolição do
jury, longe de nos prejudicar, traria
maiores garantias na distribuição da
justiça.

No reinado da rainha Victoria

Agora que, com os ultimos cartu-
chos que se estão queimando no sul da
Africa, a Inglaterra com a annexação
do Transvaal e do Orange vaie, entre as
já muitas gemmas de estranho fulgor
que possui, engastar mais dois diamantes
de grande brilho na sua corôa de nação
conquistadora, seria curioso lembrar, uma
vez que parece será esta (e Deus o queira)
a ultima grande guerra que, vista a sua
longevidade, virá fechar os trez quar-
tos de seculo do reinado de Sua Ma-
gestade Graciosa, quantas incessantes
e ininterrompidas violencias e excessos
de forças manifestadas e empregadas,
quanta vida humana destruida pelas ar-
mas inglezas e ao mesmo tempo quantos
soldados seus cahidos em todas as regi-
ões do globo, neste periodo de quasi
setenta annos. Tudo isto não se fez para
desopprimir os fracos ou vingar injustiças
ou em defesa da patria que nenhum povo
jamais ameaçou ou por outra qualquer
causa nobre e altamente humana, mas
única e exclusivamente ao serviço desta
politica de absorção e de conquista, a
que se dá hoje o nome significativo de
imperialismo.

E isto tanto mais interesse deve des-
pertar, quanto é sabido que a *Victorian
Age*, assim baptisado pelo orgulho bri-
tannico o longo reinado de sua soberana,
é considerada como, na historia ingleza,
a era pacifica por excellencia, celebra-
da pelos Tennysons em poemas que as-
seguram á rainha de todas as Indias o
respeito e admiração futuras.

Poucos soberanos do mundo apre-
sentarão actualmente nos annaes de seus
governos paginas mais sangrentas do que
S. M. Victoria. O numero de seus sol-
dados mortos em quasi todas as zonas
da terra sobe a mais de 120.000; em-
quanto que das victimas humanas anni-
quiladas pela cobiça ingleza, desde 1839
até hoje, não é possível, mesmo approxi-
madamente, calcular a sua quantidade.
Admittamos, com todos os descontos,
que estas victimas não passem do dobro
dos soldados inglezes sacrificados, com-
quanto em certas campanhas, como na
recente do Egypto, por cada subdito bri-
tannico houvessem cahido vinte dos seus
adversarios. Sommem-se estes numeros
e veja-se que vasto caudal vermelho se
alastra realmente ao longo desse reinado
pretendidamente pacifico.

E' o que demonstra na *Revue des
Reviues*, n'um dos seus primeiros nume-
ros deste anno, um dos seus collabora-
dores, cujo estudo passamos a resumir.

I A revolução do Canada em 1839
começa, com a subida da rainha Victo-
ria ao throno, a serie tragica. O comba-
te de Santo Eustaquio em 23 de Novem-
bro assegura a victoria dos inglezes que
exercem vingança implacavel, fuzilando
os prisioneiros, incendiando as proprie-
dades dos revolucionarios, cujos chefes
expiam as suas veleidades de independen-
cia ao fogo dos pelotões de execução.

II 1840-1842 Guerra com a China, uma das mais injustas e odiosas da historia. Envenenado pelos commerciantes inglezes de opio da India, o povo chinês quiz libertar-se dessa intoxicação e o governo mandou arrastar todas as caixas de opio que se encontravam no territorio e prohibir a entrada dessa mercadoria nos portos chineses. Os commerciantes appellaram para a Rainha, que poz em movimento a esquadra britannica. Cautão foi bloqueado, Amoy, Ning-po e Shang-hai bombardeados. A tomada desta ultima cidade deu lugar a uma abominavel carnificina: para escapar a ferocidade dos Inglezes, os Chineses fechavam-se em suas casas e largavam-lhes fogo, preferindo morrer queimados a cair nas mãos do inimigo. Reconhecendo a impossibilidade de continuar a lucta, o governo Chinês pediu a paz, pagando quatro milhões de libras de indemnização de guerra, cedendo a Inglaterra Hong-Kong e abrindo ao commercio britannico cinco portos de mar. Escusado é dizer, que o commercio de opio recommençou com redobrado ardor as suas transações.

III— Durante este mesmo periodo, por causa de um conflicto com um pachá egypcio, a Inglaterra mandava bombardear Beyrouth e S. João d'Acre.

IV 1842. Terrivel campanha contra os Afghanos. Havendo-se estes revoltado contra o emir Shoudje que lhes havia sido imposto pela Inglaterra, os representantes desta em Caboul, Sir Alexandre Burns e Sir W. MacNaughtan foram assassinados. A guarnição inglesa, comprehendendo 4.500 soldados e 12.000 auxiliares, estava á mercê dos revoltosos que consentiram que ella evacuassem o Afghanistan, não sem deixar em poder d'elles um certo numero de refens, todos os seus thesouros e a maior parte de sua artilharia.

A retirada dessa guarnição é um dos episodios mais atrozes de que reza a historia. Perseguidos e incessantemente atacados pelas tribus independentes dos Ghilzais, os Inglezes que levavam consigo mulheres, moças e crianças foram semeando com seus cadaveres a via dolorosa que os conduzia á fronteira. A carnificina exercida contra os Inglezes por essas tribus foi tal, que das 26.000 creaturas humanas que haviam partido de Cabul, ma só, o Dr. Brydon, chegou viva a Delalabad, onde levou a noticia de immenso desastre.

No mesmo anno uma expedição inglesa em revanche invadiu o Afghanistan, tomou Guettah e Cabul e arrasou as suas principaes fortalezas.

V 1843. Guerra contra os emirs de Scisade, a quem Sir Charles Napier inflige derrotas sanguinolentas, apoderando-se de Hyderabad e annexando todo o paiz.

VI Mesmo anno. Guerra com os Maharrattas e os Sikhs que se prolongou até 1848, terminando com a annexação de Pendab.

Deixaremos de parte as expedições da Cafaria, de 1850 a 1853 e a campanha da Birmania (1852) que terminou pela annexação de Pegu. Ambas custaram milhares de vidas.

VII 1853-1855. Guerra da Criméa, que custou á Inglaterra 14 milhões esterlinos e 24.000 homens. Durante o mesmo periodo, operações militares na Persia, tomada de Bouchio, de Mohamrah e de Ahwaz.

VIII Revolta dos Cypaios afogada pela Inglaterra literalmente no sangue.

IX 1860. Expedição contra a China, tomada de Pekin, pillagem do palacio de verão e destruição dos thesouros de arte nelle encerrados.

X 1862. Guerra com os maoris do Pacifico. Esta raça foi completamente extinta pelos Inglezes. Custou esta campanha um milhão de libras e a Inglaterra ficou com a Nova Zelandia.

XI Mesmo anno. Primeira guerra com os Achantis, uma das raras em que a justiça e o direito estavam da parte dos Inglezes.

XII 1867-1868. Guerra com a Abyssinia que teve por desfecho a tomada de Magdala e o suicidio tragico de Theodoro. Os Inglezes, depois de gastos 8 milhões esterlinos, retiraram-se, sem reclamarem qualquer compensação material.

XIII Segunda guerra e m os Achantis. As tropas inglezas marcham sobre Cumassia, castigão o Rei, espalhando o terror entre a população.

XIV 1876-1880. Nova expedição contra o Afghanistan.

XV 1878. Guerra da Zululandia, terminada com o aprisionamento de Cetivayo, rei dos Zulús.

XVI. Primeira guerra com o Transvaal. Os Boers infligem aos invagores derrota sobre derrota. Em Majuba-hill, o commandante em chefe da expedição inglesa, Sir George Colley, perde a vida e com elle muitos officiaes.

XVII 1882 Bombardeamento de Alexandria e a batalha de Teb-el-Kebir que installa a Inglaterra no Egypto até hoje.

XVIII. 1885 Annexação *manu militari* da Birmania ao Imperio Britannico.

XIX 1889. Insurreição na India. Expedição contra os Derviches, terminada com o massacre de Omdurman, exaltado pelos orgãos imperialistas como um feito d'armas comparavel a Austerlitz e que foi na realidade uma chacina operada com methodo por tropas disciplinadas e armadas á moderna sobre uma turba de fanaticos valentes, que vinham oferecer os peitos á bala e cahir 50 metros da bocca das espingardas.

XX. 1899-1900. Guerra com o Transvaal e o Orange cuja actualidade nos dispensa de quaisquer commentarios.

XXI. Idem-idem. Operações militares no paiz dos Achantis e expedição á China de concerto com as demais potencias para a repressão dos boxers.

Convem dizer que foram omittidas muitas outras expedições e operações de pequena importancia, mas que todas fizeram correr sangue e custaram bastantes vidas, como, por exemplo, o bombardeamento de Zanzibar.

Temos, pois, no espaço de sessenta e dois annos não menos de vinte demonstrações peremptorias e concludentes do profundo amor, que durante todo este tempo a Inglaterra mostrou consagrar á harmonia e concordia entre os povos e da sua invencivel repugnancia pelo emprego dos meios violentos para a solução de questões internacionaes.

Correspondencias

Florianopolis 30—10—1900.

Foi approvedo na Camara dos Deputados e talvez já o fosse no Senado o projecto apresentado pelo nosso amigo, deputado Francisco Tolentino, convertendo em auxilio o emprestimo de dous mil contos feito em 1894 nos Estados de S. Catharina e Paraná.

Justificando a necessidade de ser pelo Congresso adoptada semelhante resolução, disse o nosso illustrado amigo, Dr. Paula Ramos:

«Sr. Presidente, a emenda que está subscrita por diversos Srs. deputados, entre os quaes tenho a honra de figurar, não se acha comprehendida na disposição do artigo 132 do Regimento.

Trata-se realmente de um auxilio prestado a dois Estados do Sul, e a propria emenda refere-se á disposição do artigo 5.º da nossa Constituição.

— O Sr. Frederico Borges: auxilio não é soccorro.

— O Sr. Bueno de Andrade:— mas é muito parecido.

— Sr. Paula Ramos:— não sei se a nossa constituição distingue o auxilio do soccorro (apoiados); sei que a constituição diz que a União prestará soccorro a todos os Estados que soffrerem calamidades publicas.

Os estados de Santa Catharina e Paraná soffreram a maior calamidade publica que um Estado da Republica pôde soffrer, tendo todo o seu territorio talado por forças inimigas e forças legaes, que, quando se retiraram, deixaram a fortuna particular e a publica completamente comprometidas, não ficando no thesouro do Estado um vintem, estando todos os vencimentos dos funcionarios atrasados de seis mezes.

Toda a fortuna particular tinha sido desbaratada e pedimos o auxilio da União, que não nos pôde conceder no momento, porque ella mesmo precisara de soccorros.

Pois bem; depois das calamidades, por que passaram os Estados do Sul, nesta primeira occasião opportuna, em que a

União estende os braços compassivos para o norte, não sei porque uma Camara de brasileiros quei fazer distincção entre sul e norte.

As nossas calamidades tambem foram extraordinarias e nós temos a nossa fortuna publica de tal modo comprometida, que não seria de mais no momento em que a União estende os olhos para o norte, que os estendesse tambem para o sul. (apoiados: a partes...)

— O Sr. Frederico Borges mas quem negou?

— O Sr. Paula Ramos:— Não pedimos dinheiro; pedimos apenas que nos livrem de um debito enorme, que pesa sobre nosso erario. (A partes dos Srs. Frederico Borges e João Lopes.)

Parece que os Illustres Deputados pelo Ceará são os únicos filhos do norte e por isso mesmo que o auxilio é mais directo a esse Estado, SS REX, não devem embaraçar a passagem desta emenda, porque contem medida urgente para o nosso Estado.

Espero, pois, que a Mesa reconsidere sua decisão.

— O Dr. Felipe Schmidt governador do Estado já elaborou um regulamento para a cobrança do imposto de 1/4 por cento.

Acabou-se então a excepção odiosa em favor de alguns, tornando-se obrigatorio para todos os possuidores de terras o pagamento de 1/4 por cento.

E mesmo a isenção para os que não possuíam tres contos de reis era um privilegio, que o Congresso acaba de extinguir.

O regulamento está bem elaborado e, se houver um lançamento justo e equitativo, poderá o Estado ter uma renda razoavel, sem onerar as classes contribuintes, porquanto as outras applicações de capital (exclusive as terras, como dissemos) estará isemptas do pagamento do imposto, quando o contribuinte não possuir 2.000\$.

Palhoça 10—10—1900.

No arrajal do Rancho-Queimado, pertencente a este municipio, no dia 7 do corrente, effectuou-se a festa promovida pelo Club dos Atiradores, o qual tem como incansavel presidente o Sr. Mathias Knabben, Juiz de Paz d'alli.

Correu bastante animada essa festa, que constou de benzimento do estandarte do Club; orando apos aquelle cidadão, que saudou não só aos seus consocios, como ao Brazil e brasileiros presentes e ausentes; sendo correspondido ao agradavel som do respectivo hymno, tocado pela banda musical «União Palhocense».

Horas depois foram os atiradores disputar alguns premios de tiro ao alvo, sabendo vencedores os srs. 1 Carlos Claumann, 2. Paulo Claumann, e 3 Jacob Bohn, sendo por isso mui felicitados e cumprimentados.

As 2 horas da tarde, depois da chamada e reunião dos socios teve lugar o tiro real.

O Sr. Luiz C. Schütz, com a calma e acerto que lhe são proprios sahio victorioso, recebendo por isso a facha e cruz de prata com que o distinguido o Rei.

Feito isso, voltou o Sr. Schütz acompanhado de grande prestito musica e vivas para a casa do cidadão Carlos Claumann, onde estava lauta mesa esperando-os.

Terminou essa festa, que tão boa impressão causou aos palhocenses, com uma passêate (semelhante a uma *marche aux flambeaux*) onde tomaram parte os Sr. Carlos Bepler, sub-commissario; Sr. Mathias Knabben, Juiz de Paz; Luiz C. Schütz o novo Rei; José Grabbner, professor; todos os negociantes e a banda «União Palhocense».

Esteve nesta villa, nos dando o prazer de uma visita, o illustrado Dr. Joaquim Thiago da Fonseca; procurador geral do Estado.

Palhoça, 26—10—1900.

Com o titulo «Empresa Ferro Carril Catharinense» o Sr. Luiz Gonzaga Valente, aqui residente, assignou no contencioso do thesouro do Estado um contracto propondo-se a construir uma linha de bon s a vapor, principiando do Estreito, até esta villa.

Os palhocenses acham-se satisfeitos com esse grande melhoramento: não só para esta villa, mas tambem para o Estreito.

O capital desta util empreza actualmente será de 60 contos; devendo ser a xiliado pelas acções que serão do valor de 100\$ pagaveis em cinco prestações mensaes. Sendo immediatamente empregado este capital em os primeiros materiaes.

A empreza esta provisoriamente assim organizada: Dr. João Nepomuceno Costa, director-constructor; coronel Ignacio Costa, director-thezoureiro; industrial Luiz Gonzaga Valente, director do trafego; negociante Florencio Thiago da Costa, director-secretario. Sendo banqueiros os snrs. Carlos Hoepke & C.º

Tanto neste municipio como no de S. José, ha grande influencia na compra de acções, que offerecem vantagens, conforme os estatutos já publicados.

— Ao Exm.º Ministro da Industria, Viação e Obras Publicas, foi dirigido um requerimento assignado pelas principaes pessoas e firmas commerciaes d'aqui, solicitando a criação de uma estação telegraphica, de cujo despacho espera-se ser satisfatorio, visto offerecerem todas as vantagens ao respectivo governo municipal, alem da falta que faz ao commercio e á população já bastante numerosa desta futura cidade.

Poi extraordinario o movimento commercial em o nosso porto, durante a semana finda; ancorando nelle muitos hiates os quaes traziam diversos carregamentos que foram todos bem vendidos.

As principaes casas commerciaes empaiolaram doze mil alqueires de sal comprados á razão de 4\$800 ao alqueire; empregando-se por conseguinte o bonito capital de 57.600\$000 reis, só no artigo sal.

— Acham-se entre nós, passando uma temporada o Dr. Manoel Jacintho Baptista da Gama; actualmente hospedado no acreditado hotel «Palhoça», do Sr. Poly e o Sr. Vidal Joaquim Dutra, distincto empregado da acreditada casa dos snrs. Raulino Horn & Oliveira, em Florianopolis.

NOTICIAS

Passou hontem o dia de Finados.

De todas as ceremonias do culto christão nenhuma que nos inspire tanto sentimento de piedade e amor como a commemoração dos Mortos.

Qualquer que seja a condição de idade ou de fortuna, infelizes ou venturosos, moços ou velhos, humildes ou poderosos que sejamos, todos nós trazemos já encêrradas na route da cova que guarda os despojos queridos do nosso pae ou mãe, do nosso esposo ou esposa, do nosso filho, do nosso irmão ou do nosso amigo, uma grande porção da nossa alma, muitas fibras do nosso coração, grandes energias do nosso sangue, velando aquellas cinzas amadas.

Em compensação tambem, nós os vivos somos pelos mortos governados.

Como na familia, é a lembrança da vida cheia de exemplos de rectidão, probidade e honradez dos avoengos que serve de evangelho e codigo em cujas paginas o pae aprende e lê aos filhos e aos filhos de seus filhos a lição do bem e do dever, assim nas nações é o heroismo, a nobreza e o genio dos antepassados que dirige e guia as gerações futuras e lhes inspira nova intelligencia e novas forças.

Por essas razões todas é que e dia de Finados é bem o dia dos que ainda vivem, como os diz dos que ainda não morreram são bem os dias do Mortos.

Informados pelos nossos agentes de que algumas pessoas gradadas pela posição que occupam no nosso Estado, as quaes sempre considerámos como assignantes contribuintes, se recusam a pa-

28)

FOLHETIM

A. Daudet

AVENTURAS PRODIGIOSAS
de

Tartarin de Tarascon

Terceiro episodio: no Paiz dos Leões

(Continuação)

Aduares abandonados, tribus espartadas que vão sem saber para onde, fugindo da fome, e semeando cadáveres ao longo do caminho. De longe a longe alguma aldeia franceza com as suas casas arruinadas, campos sem cultura, gafanhotos damnados que comem até as cortinas das janellas, e todos os colonos nos cafés, bebendo absintho e discutindo projectos de reforma e de constituição.

Eis o que Tartarin podia ter visto se desse a esse trabalho; mas, todo entregue á sua paixão leonina, o homem de Tarascon ia sempre a direito, sem olhar nem para a direita, nem para a esquerda, com os olhos obstinadamente cravados n'esses monstros imaginarios, que não appareciam nunca.

Como a tenda-abrigo teimava em não se abrir, e as pastilhas em se não dissolverem, a caravana era obrigada a parar todas as manhãs e todas as noites, nas tribus. Em toda a parte, graças ao képi do principe Gregory, eram os

nostros caçadores recebidos de braços abertos. Hospedaram-se em casa dos agas, um palacio extravagante, casarões sem janellas, onde se encontram misturados narghilehs e commodas de polimento, tapetes de Smyrna e lampadas moderadoras, cofres de cedro cheios de sequins turecos, e relógios de cima de mesa no estylo de Luiz Philippe... Por toda a parte se davam a Tartarin festas esplendidas, *diffahs, phantasias*... Em sua honra *goums* inteiros queimavam polvora, e faziam reluzir ao sol os seus albornozes. Depois, assim que a polvora estava queimada, apparecia o bom aga e presentava a conta. E a isto o que se chama hospitalidade arabe.

E a proposito de leões nada de novo. Era como se estivesse na Ponte Nova em Paris.

Comtudo o Tarasconez não perdia a esperanza. Caminhando intrepidamente cada vez mais para o sul, passava os dias a bater matto, explorando as palmeiras anãs com o cano da sua carabina, e fazendo *hiss, hiss*, em cada silvado. Depois, todas as noites, antes de se deitar, ia fazer uma espera de duas ou tres horas... Trabalho perdido! os leões não appareciam.

Uma noite, comtudo, seria coisa de seis horas, quando a caravana atravessava um bosque de lentiscos seccos, onde grandes gallinholas adormentadas pelo calor saltavam de vez em quando para o ar. Tartarin de Tarascon julgou ouvir, mas tão longe, tão vagamente,

tão estarelado pela brisa, esse maravilhoso rugido, que tantas vezes ouviu em Tarascon, por traz da barraca de Mitaine.

Primeiro o heroe julgou estar sonhando. Mas d'ahi a um instante, sempre longiquos, mais distinctos, recommçaram os rugidos, e d'esta vez, emquanto por todos os cantos do horizonte se ouvia uivar os cães dos aduares sacudidos pelo terror, e fazendo tilintar as latas das conservas e a caixa das armas, a corcovado camello estremeceu.

Não ha duvida. E' o leão... Depressa, depressa, para a emboscada. Não havia minuto a perder.

Alli perto havia um *marabut* (tumulo de santo), de capula branca, com as grandes chipellas amarellas do fallecido depositadas n'um nicho por cima da porta, e uma nuvem de *ex-voto* extravagantes, pannos de albornozes, fios de ouro, cabellos ruivos, que estavam suspensos na parede. Tartarin de Tarascon foi alli collocar o principe e o camello, e poz-se á procura do sitio para a emboscada. O principe Gregory queria seguil-o, mas o Tarasconez não quiz. Queria affrontar o leão a sós. Todavia, recommendou a Sua Alteza que se não afastasse, e, por medida de precaução, confiou-lhe a sua carteira, uma volumosa carteira, cheia de papeis preciosos e de notas do Banco que elle receava que fossem rasgadas pelas garras do leão. Feito isto, o heroe foi para o seu posto.

A uns cem passos adiante do *marabut*, um pequeno bosque de eloendros

tremia na gaze do crepusculo, á borda de um rio quasi secco. Foi alli que Tartarin se emboscou de joelho em terra, segundo a formula, de carabina engatilhada, e a sua grande faca de matto, espetada intrepidamente deante d'elle na areia da encosta.

Cahio a noute, a rosea cor da natureza roxeou-se, tornando-se cor de violeta, depois mudou-se em azul sombrio... Lá em baixo nos seixos do rio luzia como um espelhinho uma pequena poça de agua limpida. Era o tanque onde vinham beber as feras. Na encosta fronteira via-se vagamente a vereda branca, traçada pelas suas grossas patas por entre a herva. Essa encosta mysteriosa fazia arripios. Junte-se a isto as vagas palpitações das noutes africanas: ramos por onde roçam os passos de veludo dos animaes nocturnos, debeis ladridos dos chacaes, e no céu, a cem ou duzentos metros, grandes revoadas de groues que passam com gritos de creanças assassinações, e confesse-se que havia razão para se estar perturbado.

Tartarin estava-o effectivamente. Estava-o mesmo muito. Batiam-lhe os dentes uns nos outros. Pobre homem! E no cabo da sua faca de matto espetada no chão, e a que elle encostara a sua espingarda raiada, o cano soava saltitante como um par de castanholas.

(Continúa)

Vende-se nesta typographia
1 vidro . . . \$160
12 vidros . . . \$1800

Tinta preta

Productos medicinaes de Rauliveira

Approvados pelo Instituto Sanitario Federal e pelas Inspectorias de Hygiene da Bahia, Pernambuco e outros Estados

Premiados com medalhas de 1º classe em diversas Exposições e com o Grande Premio Especial da Exposição de Chicago e receitados diariamente na clinica de distinctos facultativos de todos os Estados do Brazil.

Peitoral Catharinense—Xarope de Angico com Tolú e Guaco—Prescripto como unico medicamento contra defluxos, constipações, tozes, bronchites, asthma, tísica, coqueluche, rouquidão e todas as molestias dos orgãos respiratorios. Mais de 50 mil pessoas attestam a efficacia deste grande medicamento. Não tem dieta nem resguardo.

Pilulas purgativas de Rauliveira—Puramente vegetaes.—São as unicas que substituem com vantagem os purgativos de oleo de ricino e outros. 30 annos de bom exito attestam a sua efficacia contra as enfermidades do estomago, fígado e intestinos: curam tambem a dyspepsia, indigestão, prisão de ventre, affecções produzidas pela billy, suppressão das regras nas mulheres, vertigens, tonturas, hydropisias, hemorroides, colicas, falta de appetite, etc., etc. Não tem dieta nem resguardo.

Depurativo Rauliveira—Elixir de Velame e Guaco (sem mercurio) Unico reconhecido effeaz nos rheumatismos, escrophulas, ulceras, leucorrhéas ou floes brancas, canceros, carbunculos, boubas, darthros, enfermidades da pelle, necroses e outras molestias de caracter syphilitico. Não tem dieta nem resguardo.

Pilulas contra sezões—Especifico muito recommendado contra as febres intermitentes, biliosas e outras, evitando as recabidas tão frequentes nestas molestias. O nosso Remedio contra sezões applica-se nos mesmos casos que as pilulas.

Pós contra a opilação—Compondo-se este infallivel preparado de uma serie de substancias chimicas, reúne ao mesmo tempo todas as propriedades therapeuticas precisas para tornal-o de uma efficacia incontestavel no tratamento das molestias denominadas: mal da terra, amarellidão, opilação ou hypoemia intertropical, chlorose, anemia e na falta de menstruação das mulheres, etc.

Odontalgina Rauliveira—Universalmente conhecida como o mais effeaz remedio para curar instantaneamente qualquer dor de dente.

Unguento curativo—Preciosissimo medicamento composto de utilissimos balsamos medicinaes, preparado especialmente para uso externo nos casos de feridas antigas ou recentes, ulceras, molestias cutaneas, lepra, sarna, feridas da cabeça, picadas de animaes venenosos, bicho dos pés, escrophulas, boubas, escaldaduras, frieiras, golpes, pustulas, tumores, chagas, e em toda a classe de postemas.

Camomilla Rauliveira—Este precioso elixir cura: Dyspepsias atonicas, colicas, dores de cabeça e ventre, promove o appetite, corrige as indigestões, tonifica o estomago, acalma excitações nervosas, azias, gastralgias, acidez, vomitos, enjô do mar, etc. Aproveita sempre ás erianças quando atacadas pelos vermes.

Thymolina Rauliveira—Suavis e refresca a cutis. Preparado inoffensivo e muito usado para curar as espinhas do rosto, rachas dos labios, destrõe completamente as sardas e qualquer manchas da pelle.

Sabão Rauliveira—Magnifica essencia para todos os usos. Especifico contra: queimaduras, nevridgias, contusões, darthros, empigens, pannos, caspas, espinhas, rheumatismo, sardas, dor de cabeça, chagas, rugas, ferimentos, orpções da pelle e mordeduras de insectos, etc., etc.

Os afamados productos de Rauliveira vendem-se em toda a parte.

Raulino Horn & Oliveira

unicos proprietarios e fabricantes

SANTA CATHARINA

Papel

commercia, roema á 88, 14\$
para cartas, resmo 5\$
Colombo, caixa 2\$800, diplomata 4\$

Enveloppes commerciaes, offleio
e para cartas
venda na Typographia Progresso.

Pilulas do Dr. Faro

O excellento remedio que cura com segurança
todas as molestias do

Estomago, Fígado e Intestinos

Podemos garantir que um grande numero de doentes desengandados ficaram completamente curados com o uso d'este poderoso remedio.

Temos prova, no grande numero de attestados (com as firmas legalmente reconhecidas), que possuímos e a imprensa tem publicado.

São anti-dyspepticas e puramente vegetaes, tendo uma acção laxativa muito branca e segura.

São approvadas pela Directoria Geral de Saude Publica do Rio de Janeiro, e receitadas por diversos medicos das cidades de S. Paulo, Porto Alegre e Capital Federal.

Garante-se o effeito, sendo uzadas conforme reza a bulla que acompanha cada vidro das

Pilulas do Dr. Faro

MOVEIS SIMPLES E DE LUXO

aprompto por encomenda, garantindo um bom e solido trabalho.

Obras de construcção

Encarrego-me de todos os trabalhos de marcenaria, necessarios para a construcção de casas.

A pedido envio catalogo de moveis com desenhos e preços para escolha

Officina de construcção e moveis

Edm. Hofer r. Seignemartin,

CIDADE DE BLUMENAU

Folhas triples

de papel verde, dourado e prateado.

(Para flores e cordões)

vende-se nesta typographia, por preços seguintes:
1 duzia verdes . . . 200 reis
1 > douradas e prateadas . . . 300 >

Macetes

forrados de ferro.

Um excellento aparelho, que não deve faltar em casa alguma, para preparar carne para bife ou assado, acabou de receber a Typographia Progresso e vende á 2\$000.